

ainda que a mão se feche
na parte oclusa das esquinas
ou nos ângulos cegos dos dedos,
tapamos a palmo a cegueira
que se abate. em certos dias de desvelo,

ocupamos a rua e apanhamos chuva:
muito antes de nos molharmos
na condução das águas
nos vértices da solda das perguntas:
muito antes dos dias dos metais,
ainda antes da dilatação das juntas.

II

quem estamos aqui.
neste espaço de tempo escuro,
donde ninguém e nada ouve
e o vento não responde.
nem o pulsar curvo,
espécie de proximidade incerta, retina
da escrita para acostar o ser ao número.
o que é isto.

III

era um sopro
como outro qualquer,
de mudança simplesmente,

nem terminal era.
um sopro apenas tremendo
de vertigem.
bafo que rompe a pele,
e expurga a cólera.

era um sopro de trambolhão,
labareda que vareja
em plena altura,

como dizer
um sopro ao rés-do-chão.

IV

enquanto em trânsito me apago
na obscura distância,

precede a pobreza
de entregar a beber os lábios ao sal.

a camisa enxuta
próxima da fome em excesso.
alumio o corpo que passa,
dou ao sal a língua, o movimento

dos lábios à face, em contra golpe
acendo o mar
na água estagnada. achego o sal
aos líquenes que calculam a distância. pele.

V

cava, arranca,
alguém diz colhe,
outro diz desfolha.

não podemos ter poços,
não podemos ter nada,
nem morte incompleta.

sede,
alguém diz fome e deseja,
mesmo sem querer,
na hesitação da atracção completa.

VI

não podemos parar de pensar sem pressa.
decifrar devagar e ver
as palavras a cinzelar no negro,

a engolir vórtices.
ver devagar a desordem,
o escuro a criar consciência,

a garganta a vomitar cifras e voz:
ver as palavras da ocupação a beber
dodecafonismos dos poetas sós.
a contiguidade a esventrar. mal posso.

VII

nesse tempo não perguntávamos,
pelo menos nesse lugar tardio:
como desfolhar as sombras do corpo,
como tinha sido,
pelo menos nesse lugar,

nessa circunstância que já quase olvido,
a electricidade a lacerar o fulgor
da safra mortal,
por desfolhar sombras.

entre nada e nada o aviso:
absoluto e tubular ao sol
(como colmo a florir em feixe mortal).

VIII

nesses dias em que principiávamos
presos pelas manhãs
e fugíamos como culpados:
celebrávamos a dor
e não o sabíamos
(mesmo não crendo
os arredores assustam).

IX

ondulavas nas avarias do tempo,
que raio
de sangue nos olhos
colorias às vezes.
havia dias
que os impactos do fundo
não percutiam na matéria,
vai melhor mas devagar,
e continuavas a entardecer
na noite insanável dos goivos.

não haverá coração que o fim lembre,
que corra os vazios do corpo dobrado.

corpo, nuvem, átomo.
obrigado a querer, não crendo
o corpo, o hiato do cadáver.

vai sem boca, coração aturdido,
ocupa, deita em verbena as palavras
a dobrar no meio.
depois,

muito depois, com muito tempo,
cava os goivos e dá o coração a beber
ao ar em forma de vento.

Índice

5	da ocupação
7	da proximidade
41	da unidade
67	da paisagem e da distância
83	da pregnância